

Organização textual, enunciação e argumentação voltadas para o estudante usuário da *web*

Sueli Cristina Marquesi*

Ana Lúcia Tinoco Cabral**

Maria das Graças Soares Rodrigues***

Resumo: Neste artigo, analisa-se um vídeo com fins educativos, com base em fundamentos da Análise Textual dos Discursos e dos Estudos da Enunciação. A investigação contempla três níveis teórico-analíticos: a estrutura composicional, o enunciativo, os atos do discurso e orientação argumentativa (ADAM, 2011), abordando igualmente aspectos verbais e não verbais. Em cada nível, observam-se categorias específicas: planos de texto – no macro e no mesonível; ponto de vista; aspectos interacionais e argumentativos. Os resultados confirmam a ocorrência de um plano de texto em que aspectos videográficos e textuais, em sinergia, favorecem os objetivos enunciativos e propiciam a interação ao estudante usuário da *web*.

Palavras-chave: Plano de texto. Ponto de vista. Interação. Argumentação. Videoaula.

Abstract: In this article, a video with educational purposes is analyzed, based on the foundations of Textual Analysis of Discourses and Enunciation Studies. The investigation considers three theoretical-analytical levels: compositional structure, enunciative, speech acts and argumentative orientation (ADAM, 2011), in an approach of verbal and non-verbal aspects. At each level, specific categories are observed: text planes – in the macro and in the mesolevel; point of view; interactional and argumentative aspects. The results confirm the occurrence of a text plan in which videographic and textual aspects, in synergy, favor the enunciative objectives and provide interaction to the student who uses the web.

Keywords: Text plan. Point of view. Interaction. Argumentation. Video Lesson.

* Professora Titular do Departamento de Ciências da Linguagem e Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). <http://orcid.org/0000-0002-8792-0699> E-mail: suelimarquesi.sm@gmail.com.

** Pesquisadora colaboradora do Instituto de Pesquisas Linguísticas "Sedes Sapientiae" para Estudos de Português (IP-PUCSP). É coordenadora do GTLTAC (Grupo de Trabalho Linguística de Texto e Análise da Conversação), da ANPOLL (2020-2023). <http://orcid.org/0000-0001-6417-2766> / E-mail: altinococabral@gmail.com.

*** Professora Associada IV da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). <http://orcid.org/0000-0002-8295-358X> / E-mail: gracasrodrigues@gmail.com.



Resumé: Dans cet article, nous analysons un cours à distance dispensé par vidéo-conférence, dont les axes théoriques sont les fondements de l'Analyse Textuelle des Discours et des Études de l'Énonciation. Cette analyse met en lumière la structure compositionnelle, l'énonciation, les actes de discours et l'orientation argumentative (ADAM, 2011), également les régimes verbaux et iconiques. À chaque niveau, des catégories spécifiques sont visibles : le plan du texte – au macro-niveau et au meso-niveau, les points de vue, les dimensions interactionnelle et argumentative. Les résultats confirment l'occurrence d'un plan de texte qui favorise les buts énonciatifs, soutenant l'interaction à l'étudiant utilisateur de l'internet.

Mots-clés: Plan de texte. Point de vue. Intéraction. Argumentation. Cours à distance dispensé par vidéo-conférence.

Considerações iniciais

Dando continuidade a trabalhos anteriormente desenvolvidos no âmbito do Grupo de Trabalho Linguística de Texto e Análise da Conversação sobre plano de texto e contexto para o tratamento da escrita e da leitura em mídia digital (MARQUESI *et al.*, 2019) e sobre O gênero digital artigo de divulgação da ciência para crianças: plano de texto, interação e interfaces para o tratamento da escrita e da leitura (MARQUESI *et al.*, 2021), neste artigo, abordamos a relação entre organização textual, enunciação e argumentação em vídeos disponíveis na *web* que podem ser adotados na educação, em que o estudante, usuário da *web*, atua de forma autônoma, para a construção de conhecimentos que o prepara para a discussão no espaço presencial da sala de aula.

No período de pandemia, tendo em vista a priorização da modalidade remota para as atividades de trabalho e educação, em decorrência do isolamento social, deparamo-nos com a ampla disseminação de vídeos com fins educativos, inclusive para a educação corporativa, produzidos por profissionais e amadores.

Diante do desafio de compreender que características textuais-discursivas devem estar presentes em um vídeo destinado à educação, para promover a imprescindível interação com o estudante e, conseqüentemente, sua participação na construção do conteúdo veiculado, definimos três perguntas a serem respondidas neste estudo:

i) Como se organiza o plano textual e o imbricamento de sequências textuais que favorecem a interação e a construção de sentidos em vídeo adotado para fins educacionais?

ii) Como se dá a construção do ponto de vista?

iii) Como o vídeo se organiza em seus aspectos referentes à interação e à argumentação?

Guiando-nos por essas perguntas, temos, então, por objetivo, investigar a organização textual-discursivo-enunciativa de um vídeo sobre meio ambiente¹, adotado em situação de ensino, por professor de Direito Ambiental, que o utilizou, com adesão de seus alunos, em curso de Graduação em Direito².

Para cumprir o objetivo estabelecido, nosso quadro teórico assim se constitui:

a) Sobre planos de texto e sequências textuais, (ADAM, 2011; 2019a; 2020a; 2020b; 2021; MARQUESI, 2018; 2019; 2022; RODRIGUES; MARQUESI, 2021; MARQUESI *et al.*, 2019; MARQUESI *et al.*, 2021);

b) Sobre os estudos enunciativos (BENVENISTE, 1974; ADAM, 2011; 2022; RABATEL, 2005; 2008a; 2008b; 2009; 2012; 2015; 2016a; 2016b; 2017; 2021a; 2021b; KERBRAT-ORECCHIONI, 2005a; 2005b);

c) Sobre os atos de discurso e orientação argumentativa (ADAM, 2011; ADAM, 2022; MEY, 2014; KERBRAT-ORECCHIONI, 2005a; 2005b).

Considerando os fundamentos teóricos e o objetivo, adotamos os seguintes níveis de análise (ADAM, 2011): nível da estrutura composicional (N5); nível da enunciação (N7) e nível dos atos do discurso e da orientação argumentativa (N8), definindo, com base neles, as categorias que nos orientam na análise do *corpus*.

Em cada um dos níveis de análise, enfocamos aspectos verbais e não verbais, levando em conta, assim, a multimodalidade a ser considerada na análise de textos em

¹ O vídeo está disponível neste endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=tPGtO8EFwwk>. Acesso em: 26 jan. 2022. Sua transcrição consta na seção Anexo deste trabalho.

² Agradecemos à Profa. Dra. Eunice Matias do Nascimento (Grupo de Pesquisa ATD/UFRN/CNPq), por sua transcrição; aos Profs. Dr. Marcelino Matsuda e Wellington Amorim, pela indicação do *corpus* que compõe a pesquisa realizada; à Profa. Dra. Andréa Pisan Soares Aguiar, pela revisão linguística do texto.

geral, e, sobretudo, na análise de textos videográficos. Nesse sentido, adotamos o conceito de texto de Adam (2022).

O artigo se organiza em três seções centrais, além das considerações iniciais, das considerações finais, das referências e do anexo. Cada uma das seções corresponde a um dos níveis de análise, com suas respectivas bases teóricas e análises.

Estrutura composicional – plano de texto e sequências textuais

Considerado nas últimas décadas como foco de atenção de pesquisadores no tratamento da organização de textos destinados às diversificadas situações discursivas, o plano de texto ocupa hoje papel central nos estudos sobre leitura e escrita, bem como sobre o ensino dessas práticas, já que os critérios teórico-analíticos a ele relacionados possibilitam tanto a definição de categorias de análise quanto a proposição de estratégias delas advindas, para a atuação de interlocutores nos mais variados espaços de interação.

É com o olhar voltado para a relação entre a organização textual, primeira seção deste artigo, e o estudante usuário da *web*, que trazemos a abordagem teórica sobre plano de texto e, a ele relacionado, sobre sequências textuais, ambos componentes do nível 5 de análise – o da estrutura composicional (ADAM, 2011; 2019a).

Sobre os fundamentos referentes ao plano de texto, adotamos o conceito de Adam (2011; 2019a; 2019b; 2020a; 2020b; 2021; 2022), e, de modo complementar, trazemos pesquisadores brasileiros, como Marquesi (2017; 2018; 2022), Cabral (2013), Marquesi, Elias e Cabral (2017), Marquesi *et al.* (2019); Marquesi *et al.* (2021), Rodrigues e Marquesi (2021); Rodrigues (2021) e Rodrigues (2022), que avançaram no entendimento do referido conceito e em sua aplicação na análise de *corpora* de diferentes gêneros.

Das duas primeiras referências de Adam e dos estudos realizados pelos pesquisadores brasileiros até 2019, podemos conceituar e caracterizar plano de texto como o principal fator unificador da estrutura composicional de um texto, nela compreendendo a construção macrotextual de sentidos; pode ser organizado por

diferentes sequências textuais, escolhidas, combinadas e imbricadas em função da finalidade comunicativa do texto; responde pela orientação argumentativa do texto e pela interação entre interlocutores; revela uma composição singular, criativa, resultante das intenções do produtor e propicia, ao mesmo tempo, às diferentes construções de sentido por parte dos leitores.

Por essas interfaces teóricas, é possível reiterar com Adam (2011; 2019a), que os planos de texto evidenciam sua realização juntamente com os gêneros, dependendo, pois, de conhecimentos de grupos sociais, do que decorre a possibilidade de construção (na produção) e de reconstrução (na leitura ou na escuta), e que o conceito de plano de texto se relaciona ao de sequência textual, concebida que é como unidade textual complexa, composta de um número limitado de conjuntos de proposições-enunciados, designadas como macroproposições, que, segundo o autor, podem ser de cinco tipos – descritivas, narrativas, explicativas, argumentativas e dialogais.

Já considerando os trabalhos de Adam dos últimos três anos (2020, 2021 e 2022), bem como aqueles dos referidos pesquisadores brasileiros, no mesmo período, podemos avançar na consolidação teórica sobre plano de texto e sequências textuais, sobretudo no que se refere aos níveis da análise de planos de texto – macro e mesotextual. Essa abordagem nos tem possibilitado recorrer ao plano de texto como uma categoria de análise que possibilita o entendimento detalhado da estrutura ou da organização do texto, que apontam a intrínseca relação entre superfície linguística do texto e nível semântico, ambos imprescindíveis ao analista no desenvolvimento de um trabalho ancorado na Linguística do Texto e na Análise Textual dos Discursos, reiterando o plano de texto em estreita conexão com as sequências textuais (RODRIGUES; MARQUESI, 2021).

O pressuposto de Adam que orientou o referido estudo de Rodrigues e Marquesi (2021) foi o de que

[...] os planos de texto são o lugar de uma tensão entre, de um lado, o caráter do acontecimento enunciativo não reiterável que caracteriza todo texto singular e, por outro, a pré-formatagem mais ou menos forte pelos gêneros discursivos e pelas sequências pré-genéricas (ADAM, 2021, p. 29).

Nessa discussão, é importante ressaltar que o autor destaca dois elementos que constituem o plano de texto: o acontecimento enunciativo, que não se repete, e a pré-formatagem, que está diretamente articulada com as sequências textuais, cujas seleções e imbricamentos ocorrem em função da finalidade comunicativa do texto.

Especificamente sobre os níveis de análise do plano de texto em foco na análise do vídeo selecionado como *corpus*, optamos por trabalhar com o macronível e o mesonível. Ressaltamos que Adam (2021, p. 4) postula, para o primeiro, que

[...] é constituído pelas fronteiras peritextuais e as subdivisões de um texto escrito em parágrafos, capítulos, seções ou partes, que conferem o sentimento de uma unidade textual constituída de subunidades significantes, de extensão e de natureza semiológica variáveis (certas partes ou módulos de um texto podendo ser icônicos) [...]

Já para o segundo, defende que

[...] compreende, de fato, dois componentes cuja combinação é muito flexível: os *segmentos* no plano da divisão gráfica ou sonora dos enunciados e os *agrupamentos de frases/períodos* (P) em *macroproposições* (MP) no plano semântico (ADAM, 2022, p. 101, grifos do autor).

Quanto ao conceito de sequência textual adotado, retomamos Adam (2019a, p. 46), que assim a considera:

[...] uma rede relacional decomponível em partes interligadas entre si (as macroproposições) e conectadas ao todo que elas constituem (uma sequência); uma entidade relativamente autônoma, dotada de uma organização interna pré-formatada que lhe é própria e que, portanto, está em relação de dependência-independência com o conjunto mais amplo do qual é parte constitutiva: o texto.

No caso do vídeo aqui escolhido, analisado, por um lado, no que diz respeito ao macronível, o foco está nas partes constituintes do texto, já que as subdivisões não se dão por parágrafos, capítulos, seções, mas, sim, por suas partes, que podem ser detectáveis na apresentação oral, pelas pausas, amarrações, mudanças de tópicos, sínteses escritas; por outro lado, no que diz respeito ao mesonível, o foco está nas sequências textuais e em seus imbricamentos, importando, na análise desse plano de

texto, com base no gênero a que pertence o referido vídeo, as sequências descritivas, as explicativas e as dialogais, essas últimas realizadas como monólogos que simulam o diálogo (MARQUESI, 2022), conforme discutimos na análise, apresentada adiante.

Nessa direção, lembramos Mittmann (2013, p. 2), que, na esteira de Charaudeau e Maingueneau (2004), explica que o monólogo “[...] é compreendido como um discurso que é dirigido ao próprio sujeito que o enuncia, ou ainda como um discurso construído por apenas um sujeito, mas dirigido a outros, que não respondem e então não participam da construção do texto [...]”.

No dado em análise, o L1/E1 não se dirige a si própria, mas aos interlocutores, estudantes em meio digital que não falam, mas o L1/E1 constrói uma representação discursiva do ponto de vista deles e responde às perguntas por eles.

Da mesma perspectiva, Muniz-Lima e Custódio Filho (2020, p. 145-146) esclarecem que Kerbrat-Orecchioni (2005a; 2005b) “distingue interação monologal de interação dialogal: na primeira, o interlocutor é, no dizer da autora, ‘fictício’, e a resposta dada ao locutor, portanto, é apenas pressuposta. Na interação dialogal, por sua vez, há um interlocutor concreto, que pode, efetivamente, tomar o turno de fala”. Mais uma vez, remetemos ao dado em análise, tendo em vista sua simbiose com o interlocutor fictício, configurando, assim, os monólogos que simulam diálogos, conforme identificado por Marquesi (2013; 2022).

Passamos, então, à análise, começando pelo nível macrotextual – das partes do texto – e, dando seguimento, passando ao nível mesotextual – das sequências textuais, para, então, refletirmos sobre os imbricamentos de sequências na constituição do plano de texto em tela.

Análise do plano de texto em seu macronível

Para analisar e discutir o plano de texto do vídeo em seu nível macrotextual, remetemos ao *link* para acesso ao vídeo e à sua transcrição.

O texto apresenta-se organizado em três partes: abertura, desenvolvimento e encerramento.

Na parte I – Abertura do vídeo, por meio de duas perguntas iniciais – *Afinal, o que é o meio ambiente* e *Alguma vez alguém já te perguntou o que é meio ambiente?* –, Fernanda (L1/E1) introduz o tema a ser tratado, meio ambiente, indicia a forma como será tratado, conceitual e reflexivamente, e propõe a interação com os interlocutores, de forma a envolvê-los na construção do conhecimento sobre o assunto.

Além disso, situa o canal, específico para tratamento do tema, e justifica o vídeo:

Afinal, o que é meio ambiente?

alguma vez alguém já te perguntou o que é meio ambiente? -- bom esse canal foi criado para falar sobre meio ambiente (.) então esse vídeo não poderia faltar aqui -
- (.)

((Após dada consideração, é apresentada a “vinheta” do canal)).

Já na parte II – Desenvolvimento, Fernanda inicia sua exposição, contrapondo-se em relação à noção do senso comum de que *meio ambiente* é sinônimo de *natureza*. Ela parte, então, do conhecimento comum que todos têm, para inserir o conceito de que *meio ambiente é tudo... que nos cerca*, além das *árvores, animais e água*, também *prédios, avenidas das cidades* e o homem – *eu, você, nós*. Indicia, aqui, a responsabilidade de todos pelo meio ambiente.

Fernanda continua a interação com o interlocutor, amarrando tudo que envolve *meio ambiente*, enunciado no primeiro conjunto de sua definição, insere um novo tópico e, por meio do destaque que dá ao *conjunto de relações entre coisas vivas e não vivas*, chega a um dos grandes desafios a ser vencido quando se trata de meio ambiente: *política nacional/ legislação ambiental de referência no Brasil*.

Ao fazer essa inserção, manifesta-se diretamente, adiantando ao interlocutor que, *no canal*, ainda muito se falará sobre o referido tópico, mas já registrando, por meio de uma citação, entre aspas, a definição do que é meio ambiente, de acordo com a legislação ambiental de referência no Brasil: “*o conjunto de condições:: leis:: influências:: e*

interações:: de ordem física química e biológica que permite abrigo e rege a vida em todas as suas formas” (.).

Por meio de mais uma pergunta – *percebem o quanto é ampla essa definição?* –, chama o interlocutor à reflexão sobre o conceito, pela amplitude da definição exposta e, com ela, insere mais um elemento envolvido no entendimento do que seja meio ambiente – *uma teia de relações onde tudo está conectado, sendo eles elementos vivos ou não vivos, naturais ou não*. Temos aqui uma explicação-síntese do que foi falado antes.

Com mais duas perguntas – *mas Fernanda, como assim não naturais? Então existe um meio ambiente natural e um meio ambiente artificial?* –, Fernanda busca dirimir dúvidas sobre o conceito de meio ambiente por ela exposto, que envolve não só a natureza, mas também o que é *construído pelo homem*. E somente nesse momento, em que considera que o interlocutor tenha entendido a complexidade do que seja *meio ambiente*, ela insere o termo técnico que se refere a isso: *antropizado(.) ou seja modificado pelo homem*.

Após apresentar o conceito, chama novamente o interlocutor à reflexão de que em qualquer espaço ou ambiente *a gente sempre vai estar fazendo parte do meio ambiente e, então é extremamente importante cuidar dele*. E com uma pergunta que busca a adesão do interlocutor – *certo?* – conclui a parte do plano de texto referente ao desenvolvimento do texto, afirmando que, pelo exposto, *meio ambiente não é só para os ambientalistas, e sim para todo mundo*.

Na parte III – Encerramento, em uma interação final com o interlocutor, Fernanda se dirige diretamente ao *web* estudante – *você* –, fechando o tema tratado e considerando que ele aprendeu com o vídeo; destaca sua relevância para *todo mundo* e que, *agora* que ele sabe, pode não só *se relacionar da melhor maneira possível* como o meio ambiente, como também falar para todo mundo, já que aprendeu.

E finaliza o vídeo, envolvendo o interlocutor, mais uma vez destacando a relevância do assunto – *afinal meio ambiente é tudo*, deixando a ele a decisão de – *se gostou* – curtir, marcar pessoas com quem queira compartilhar e dar continuidade à participação no canal, específico para tratamento do meio ambiente, para, *juntos*, caminharem e fazerem a *diferença do planeta*.

Comparando as partes do plano do texto, observamos que o discurso é marcado por uma constante busca de interação com o interlocutor, ora chamando-o por *você*, ora envolvendo-o no jogo locutor X interlocutor por *a gente* ou *nós*, como será analisado e discutido na sequência.

As partes que o compõem conferem-lhe uma unidade textual, constituindo-se como subunidades significantes, de extensão e de natureza semiológicas variáveis, conforme postulado por Adam (2021) e estudado por Marquesi e Passarelli (2022). Temos, no plano desse texto: a abertura, por meio de duas perguntas; o desenvolvimento, por meio de oito segmentos e o uso de outras perguntas que viabilizam a progressão textual, bem como a continuidade do envolvimento do interlocutor na exposição; e o encerramento, por meio de dois segmentos finais, um de fechamento e um de convite à continuidade no canal. Há ainda de se destacar, na progressão textual, a evidência de uma conexão semântica que permite ao interlocutor construir a coerência do texto.

Por se tratar de um vídeo, elementos verbais e não verbais, nas referidas partes do texto, complementam-se e dialogam, o que se observa por tomadas de câmera mais próximas ou mais distantes, diferentes iluminações, gestos, pausas e retomadas conceituais que indicam a mudança de tópico.

Em análise do plano videográfico, observa-se que o enquadramento do plano de gravação segue algumas configurações e métricas. Temos o plano próximo, pelo qual a câmera se mantém perto da apresentadora, à altura do peito, utilizado nos momentos em que ela simula um diálogo com o interlocutor, contribuindo para a interação e aproximação com o espectador. Nesse sentido, há, no vídeo, um reforço das informações abordadas anteriormente pela apresentadora, a fim de que o interlocutor amplie a atenção e interaja com os novos conhecimentos.

Em contrapartida, nos momentos em que o plano videográfico se mantém em plano médio, enquadramento em que a câmera mostra a apresentadora da cintura para cima, são exploradas as novas informações e a apresentação de conceitos.

Em se tratando dos elementos constituintes do não verbal, é importante considerar que a postura corporal e os gestos utilizados pela apresentadora, no decorrer

do vídeo, garantem a fluidez e articulação do texto verbal. Observa-se que ela explora gestos utilizados em situações de ensino, isto é, a gesticulação que simula concatenação das ideias e facilita a visualização e representação das informações pelo interlocutor. Além disso, mantém os braços abertos e as mãos sempre em evidência, propiciando um espaço de diálogo e abertura do canal de comunicação; gesticula de forma leve e articulada, e sorri enquanto fala, o que promove conexão, proximidade e empatia no espectador.

No conjunto das partes, alguns destaques podem ser dados, no que diz respeito à singularidade desse plano de texto, entre eles:

- Sua orientação argumentativa, que evidencia uma visada de reposicionamento do conceito de meio ambiente, nele envolvendo não só questões da natureza, como também da ação do homem, ao que é agregado o aspecto referente à responsabilidade de todos, bem como a necessidade de políticas ambientais;

- O enfoque da legislação e a condução para a reflexão sobre deveres de todos em relação ao meio ambiente, o que guarda estreita relação com a utilização do vídeo por alunos do curso de Direito, na disciplina Direito Ambiental, tal como indicado pelos docentes da área, que contribuíram com o levantamento do *corpus* pelas pesquisadoras;

- A organização do texto em seu nível mesotextual, pelo imbricamento de sequências textuais descritivas e explicativas, próprias de gêneros didáticos, tal como já estudado por Marquesi (2013), e o imbricamento, ainda, de sequências que podemos considerar dialogais, já que simulam, no monólogo, o diálogo, por meio de perguntas, como proposto por Marquesi (2022).

Sobre este último destaque, a título de exemplificação, voltamos ao quadro do plano de texto e dele retiramos exemplos dessas sequências textuais, enfocando, assim, a seguir, o nível mesotextual da análise.

Análise do plano de texto no mesonível – sequências textuais

Para a apresentação da análise das sequências textuais, teoricamente, remetemo-nos a Adam (2011; 2019a) e aos estudos de Marquesi (2017; 2018, 2022), Marquesi e Cabral (2014) e, considerando que no presente plano de texto imbricam-se as sequências dialogal (monologada), descritiva e explicativa, retomamos, para cada uma delas, brevemente, o conceito, seguido de suas ocorrências, nomeadas por *MPDi*, *MPDe* e *MPEx*, respectivamente, correspondentes a macroproposições dialogais monologadas, descritivas e explicativas.

Trata-se de uma simulação de diálogo por meio de perguntas retóricas que a própria apresentadora responde, tal como analisado por Marquesi (2022) em planos de textos de aulas remotas, em que a pesquisadora destacou a recorrência de sequências fáticas, de abertura e de encerramento, bem como de sequências transacionais, no desenvolvimento dos referidos planos de textos, apoiando-se, para tanto, em Adam (2019a), que define o texto dialogal propriamente dito, como

uma estrutura hierarquizada de sequências chamadas geralmente de ‘troca’, [em que dois] tipos de sequências devem ser diferenciadas:

- as *sequências fáticas* de abertura e de término de uma interação,
- as *sequências transacionais* que constituem o corpo da interação.(ADAM, 2019a, p. 219).

Vejamos suas manifestações no plano do texto:

Sequências fáticas de abertura e de término da interação:

- [MPDi-1] *Afinal, o que é meio ambiente?*

alguma vez alguém já te perguntou o que é meio ambiente? –

- [MPDi-2] *percebem o quanto é ampla essa definição? (.)*

Sequências transacionais que constituem o corpo da interação:

- [MPDi-3] *mas F ((menciona o próprio nome)) como assim não naturais? (.) então existe um meio ambiente natural e um meio ambiente artificial? (.) sim (.)*

- [MPDi-4] *então é extremamente importante a gente cuidar dele certo? (.)*

- [MPDi-5] *se você gostou desse vídeo e achou ele relevante para alguém (.) curte compartilha marca a pessoa que você quer que veja esse vídeo aqui nos comentários*

(.) e segue aqui o canal para você não perder os próximos conteúdos -- e vamos juntos caminhando para fazer a diferença no planeta.

Sobre as macroproposições descritivas, observamos uma grande ocorrência no desenvolvimento do texto, como respostas às perguntas introduzidas, cumprindo a organização da sequência descritiva, tal como proposto por Adam (2011, 2019a) e estudado por Marquesi (2017, 2018), como aquela que se estrutura por quatro macro-operações – tematização, aspectualização, relação e retomatização –, envolvendo designações, definições e individuações.

Vejamos suas manifestações no plano do texto, nas afirmações, conceitos e definições a seguir:

- [MPDe-1] *[meio ambiente são] as árvores os animais:: a água (.) isso é normal exatamente porque é comum as pessoas fazerem essa associação de natureza como sinônimo de meio ambiente (.) e isso é um conceito errado que muita gente tem*
- [MPDe-2] – *mas a verdade é que meio ambiente é TUDO (.) isso mesmo (.) meio ambiente é TUDO (.) tudo que nos cerca (.) afinal é o ambiente em que algo ou alguém está inserido (.) então as árvores os animais a água (.) essas coisas todas fazem parte do meio ambiente (.) assim como os prédios as avenidas das cidades essas coisas também fazem parte do meio ambiente (.) eu (.) você (.) nós fazemos parte do meio ambiente (.)*
- [MPDe-3] – *meio ambiente segundo a legislação é “o conjunto de condições: leis:: influências:: e interações:: de ordem física química e biológica que permite abriga e rege a vida em todas as suas formas” (.)*
- [MPDe-4] *Meio ambiente é tudo.*

Sobre as macroproposições explicativas, observamos sua ocorrência imbricada às outras macroproposições, considerando, com Adam (2011, 2019a), a sequência explicativa como aquela que compreende três fases: Fase de questionamento + Fase resolutiva + Fase conclusiva, além de envolver uma relação de por que/porque ou por

isso também, conforme os referidos estudos de Adam (2019a) e o trabalho de Marquesi (2013).

Vejamos suas manifestações no plano do texto, nas afirmações, conceitos e definições a seguir:

- [MPEx-1] *então na verdade meio ambiente é o conjunto das relações entre todas as coisas vivas e não vivas (.) a política nacional de meio ambiente que é a legislação.*

- [MPEx-2] *tudo que você pensar:: que existe na terra influencia ou interage de alguma maneira com as formas de vida (.) porque é isso (.) é como uma teia de relações onde tudo está conectado (.) sendo eles elementos vivos ou não vivos (.) naturais ou não*

[MPEx-3] *na verdade tudo é meio ambiente (.) mas isso é uma forma da gente classificar o que é natural e o que foi construído pelo homem (.) no termo técnico a gente chama isso de antropizado (.) ou seja modificado pelo homem (.)*

[MPEx-4] *mas então a gente entra em uma grande questão (.) se independente de onde a gente tá (.) se é no meio da floresta (.) nos campos:: no sítio na praia ou na cidade (.) a gente sempre vai estar fazendo parte do meio ambiente (.) então é extremamente importante a gente cuidar dele [...] por isso meio ambiente não é só para alguns (.) não é só para os ambientalistas:: e sim para todo mundo (.)*

[MPEx-5] *por isso meio ambiente não é só para alguns (.) não é só para os ambientalistas:: e sim para todo mundo (.)*

O vídeo veicula uma aula expositiva em que o L1/E1, a apresentadora, faz o papel de uma professora, domina a temática do meio ambiente. Observamos que a sequência explicativa é dominante, encaixa a sequência descritiva, usada para clarificar a explicação. Ainda, o L1/E1 usa a estratégia de fazer perguntas e de respondê-las, visando a simular uma sequência dialogal fictícia ou metafórica, uma vez que a ausência de interlocutor físico evidencia que se trata de um monólogo. Evocamos estudo de Marcuschi (2005), cujos dados são aulas presenciais. O autor propõe uma classificação tipológica para quatro aulas. Ao fazermos uma correlação com o dado em análise,

poderíamos dizer que a aula veiculada no vídeo é a ortodoxa. Nas palavras de Marcuschi (2005, p. 52), temos que, “nesse formato de aula o professor apresenta o tema e o desenvolve, geralmente sem intervenção dos alunos ou com intervenções breves, sempre orientadas para o tópico [...]”. No vídeo em questão, nem as intervenções breves são possíveis, exceto a pausa ou interrupção do vídeo, que o usuário pode operar quando desejar.

Nível enunciativo – o ponto de vista

O ponto de vista (PDV) é uma categoria que nos leva a revisitar as noções de locutor e de enunciador que adotamos. Assim procedemos, em face das divergências, acerca dessas noções.

Seguimos a perspectiva postulada por Rabatel (2005; 2008a; 2008b; 2009; 2012; 2016a; 2016b; 2017; 2021a; 2021b), no que diz respeito às noções de locutor e de enunciador. Nessa direção, Rabatel (2021a, p. 31) relata que discorda de Ducrot (2001), no que concerne a várias abordagens, “[...] notadamente em sua recusa de dizer quem está na origem do ato de enunciação ou do PDV, sobre as instâncias de assunção da responsabilidade enunciativa (RABATEL, 2005, 2009), etc.)”. Apesar disso, Rabatel (2021a, p. 30-31) diz que

busca conciliar a concepção de Ducrot (2001) com a de Benveniste (1974 [1970]), pois o locutor benvenistiano é também enunciador sem sabê-lo, emitindo PDV, atuando com as posições enunciativas, quando observa os objetos-do-discurso de forma pontual, factual, repetitiva ou genérica [...].

O autor considera, igualmente, a concepção de Culioli (2018) e explica que o PDV “inclui todo um conjunto de operações enunciativas de quantidade, de qualidade, de modalidade” (RABATEL, 2012, p. 3).

Em resumo, para Rabatel (2021a, p. 31), esse conjunto das operações enunciativas e a busca da fonte evidenciam “[...] preocupações pragmáticas ligadas à assunção da

responsabilidade enunciativa e à responsabilidade enunciativa”, logo são basilares também para o ponto de vista. Isso levou o autor a formular a proposta³ a seguir:

- 1) hierarquizar os enunciadores;
- 2) distinguir⁴ os enunciadores primeiros dos segundos;
- 3) dar conta dos casos de sincretismo em que o L₁/E₁ exprime diretamente seus PDVs;
- 4) dar conta dos casos em que o L₁/E₁ exprime indiretamente o PDV de locutores enunciadores segundos, nos casos de discursos reportados representados;
- 5) dar conta das separações possíveis, quando o L₁ é locutor de um hétero PDV sem ser enunciador (quer dizer sem assumir a responsabilidade enunciativa);
- 6) dar conta das situações de discursos reportados que o L₁ reproduz sem explicitar a própria posição em relação a eles;
- 7) remeter a situações em que o L₁ imagina por empatia os PDV dos enunciadores segundos sem lhes dar a palavra.

Isso posto, passamos a focalizar a noção de PDV. Nessa dimensão, compreendemos que o estudo do PDV contribui para que o(s) sentido(s) veiculado(s) nos discursos em 1ª ou 3ª pessoas sejam interpretados com mais segurança pelo pesquisador, na medida em que uma análise dessa ordem deve detectar não apenas PDVs explícitos na superfície do texto, mas também aqueles implícitos, ou seja, que subjazem ao texto. Para tanto, destacamos que nos interessam tantos os PDVs do L₁/E₁ (locutor enunciador primeiro), como os dos L₂/E₂ (locutores enunciadores segundos) e

³ Algumas adaptações foram feitas no processo de didatização da proposta.

⁴ Rabatel (2021a, p. 31) ressalta que “a distinção dos enunciadores primeiros e segundos evita reduzir a enunciação, como o faz Benveniste (s.d.) aos discursos no *eu ancorados* na situação de enunciação (ONO, 2007) e a limitar a problemática do PDV à subjetividade do eu: afinal, um PDV não tem necessidade de ser pessoal para existir enquanto tal, e, da mesma forma, não é porque um conteúdo proposicional não comporta subjetivemas que não exprimiria um PDV (RABATEL, 2005, p. 117-120; 2016). A disjunção locutor/enunciador permite também observar que os subjetivemas não são todos reportados a L₁/E₁, mas, possivelmente, a enunciadores segundos, a partir dos quais os objetos-de-discurso são referidos”.

dos e/2 (enunciadores segundos). Reconhecemos que os PDVs são analisados a partir da cena enunciativa, isto é, na interação.

Mas o que é o PDV? Para elucidarmos ponto de vista sobre o que é o PDV, remetemos a François (2015, p. 8-9), ao postular que o PDV se constitui de “‘formas de ver’ [...], tentar compará-las (de que ponto de vista?). [...] Existe, aliás, uma ‘essência do ponto de vista’? Certamente, sem dúvidas, ‘diferentes perspectivas (outra metáfora) sobre diferentes gêneros de pontos de vista’”. Certamente, a heterogeneidade discursiva deve se manifestar em situações em que um objeto-do-discurso é analisado por diferentes L1/E1. Isso fica patente nas palavras do François, quando introduz seu entendimento sobre o que é o PDV “formas-de-ver”. O lexema “formas” no plural anuncia a complexidade e a abrangência da noção de PDV. O dado que analisamos deixa isso muito evidente, conforme vemos mais adiante. Ademais, a importância do PDV é capital para se desenvolver uma análise acerca da responsabilidade enunciativa⁵.

Ancoramo-nos igualmente em Rabatel (2017, p. 43), quando define o PDV, em linguística, como:

[...] todo enunciado que predica informações sobre não importa que objeto do discurso, dando não apenas informações sobre o objeto (relativos à sua denotação), *mas também, sobre a forma como o enunciator observa o objeto, expressando, assim, um PDV*. O objeto do PDV pode ser um indivíduo, um coletivo, um anônimo, e pode exprimir PDV singulares ou coletivos, originais ou estereotipados.

Essa definição deixa evidente que o PDV pode se dar não apenas em uma visada individual, mas também em uma visada coletiva. Naturalmente, subjaz a essa definição que a expressão de um PDV revela a postura enunciativa do L1/E1. Rabatel, Monte e Rodrigues (2015) propõem três posturas: (1) coenunciação, quando o L1/E1 acompanha o PDV discursivo do e/2; (2) sobre-enunciação, quando o PDV do L1/E1 é dominante e (3) subenunciação, quando o L1/E1 atribui um estatuto proeminente a um PDV dominado, que é coproduzido por L1/E1 (que se mantém a distância) e por l2/e2.

⁵ Por uma questão de espaço disponível, neste artigo, não focalizamos a responsabilidade enunciativa.

Análise do ponto de vista

O L1/E1 se serve de uma estratégia interacional, o par pergunta/resposta, para expressar seu ponto de vista (PDV) acerca do que é meio ambiente. Trata-se de uma cena enunciativa monologada, em que o L1/E1 faz perguntas e as responde a partir da representação discursiva, que faz dos possíveis interlocutores potenciais interessados na temática, ou seja, estudantes usuários da *web*, como visto na seção acima. No exemplo 1, temos as perguntas indutoras da expressão do PDV do L1/E1, conforme segue:

Exemplo 1

alguma vez alguém já te perguntou o que é meio ambiente?
quando surge a pergunta o que é meio ambiente?
vocês percebem o quanto é ampla essa definição?
como assim não naturais? (.)
então existe um meio ambiente natural e um meio ambiente artificial

Essas perguntas são respondidas pelo L1/E1, ora veiculando a noção de que está na fonte, ora embasando seu PDV com enunciados de enunciadores segundos, de acordo com os exemplos que seguem:

Exemplo 2

[...] começam surgir respostas como “ah:: as árvores os animais:: a água” (.) isso é normal exatamente porque é comum as pessoas fazerem essa associação de natureza como sinônimo de meio ambiente (.) e isso é um conceito errado que muita gente tem (.) mas a verdade é que meio ambiente é TUdo (.) isso mesmo (.) meio ambiente é TUdo (.) tudo que nos cerca (.)

Subjaz à predicação que o L1/E1 faz acerca do objeto-de-discurso “meio ambiente” que ele é uma autoridade sobre o tema, inclusive, usando o encapsulador “isso” para

remeter à representação discursiva, que ele critica, sobre o PDV de enunciadores segundos “as pessoas”, que consideram a natureza sinônimo de meio ambiente. Nessa direção, ancoramo-nos na proposta das operações enunciativas (RABATEL, 2021a), no que diz respeito à hierarquização dos enunciadores, uma vez que no exemplo 3, a seguir, o L1/E1 coenuncia com um e2 (a política nacional de meio ambiente) a definição de meio ambiente.

Exemplo 3

[...] a política nacional de meio ambiente que é a legislação ambiental de referência no Brasil -- *a gente* ainda vai falar muito dela aqui no canal – ela define meio ambiente como “o conjunto de condições:: leis:: influências:: e interações:: de ordem física química e biológica que permite abriga e rege a vida em todas as suas formas”.

O L1/E1 traz para o seu discurso o PDV do e2 (a política nacional de meio ambiente). O jogo enunciativo do PDV revela uma coenunciação do L1/E1 (a apresentadora) com o e2 (a política nacional de meio ambiente). Essa adesão do L1/E1 ao PDV (definição de meio ambiente) do e2 (a apresentadora), além de mostrar a concordância em relação à definição, evidencia uma promessa, um ato de discurso comissivo, quando a apresentadora diz: “*a gente* ainda vai falar muito dela aqui no canal”. Com essa promessa, o L1/E1 convida os interlocutores (os estudantes usuários da *web*) a seguirem acessando o canal, porque “a política nacional” vai continuar sendo focalizada.

No exemplo 4, que segue, o L1/E1 busca envolver em seu PDV os interlocutores (os estudantes usuários da *web*).

Exemplo 4

[...] se independente de onde a gente tá (.) se é no meio da floresta (.) nos campos:: no sítio na praia ou na cidade (.) a gente sempre vai estar fazendo parte do meio ambiente (.) então é extremamente importante a gente cuidar dele certo?

Subjaz ao Exemplo 4 uma visada argumentativa. Qual o propósito? Envolver os interlocutores na defesa do meio ambiente. Isso fica evidente quando o L1/E1 transforma o PDV em um PDV coletivo, ao lançar na arena discursiva um “a gente” com um valor diferente daquele que constitui o exemplo 3. O “a gente” do Exemplo 4 é constituído pelo L1/E1 e pelos interlocutores, o coletivo que acessa o vídeo. Esse PDV coletivo é certamente legitimado no imaginário do L1/E1, quando diz: “a gente sempre vai estar fazendo parte do meio ambiente (.) então é extremamente importante a gente cuidar dele certo?”. O argumento é muito mais que uma busca de adesão; já é a convicção de que os interlocutores também postulam o mesmo PDV que o L1/E1 defende.

A mobilização dos e2 pelo L1/E1, para construir o próprio PDV, mostra tanto o viés de um discurso do que se “supõe ser politicamente correto”, bem como um recurso de autoridade (a política nacional) em relação ao meio ambiente. Esse conjunto de dispositivos enunciativos e argumentativos (retomadas, reformulações) instaura uma representação discursiva de que o canal está engajado na defesa do meio ambiente, conforme mostra a análise do plano de texto.

Ancorando-nos nos Exemplos 2, 3 e 4, propomos a seguinte hierarquização dos enunciadores:

- 1º) Quando o L1/E1, a apresentadora, assume o conteúdo proposicional do próprio dizer, constituindo, assim, uma situação de sincretismo, uma vez que há coincidência de locutor e de enunciadador;
- 2º) Quando o L1/E1 coenuncia com um e/2 (a política nacional de meio ambiente);
- 3º) Quando o L1/E1 busca induzir os interlocutores do vídeo, entre eles, os estudantes usuários da *web*, imaginando, por empatia, que eles aderem ao PDV defendido, marcando isso com o uso de “a gente”.

Esses PDVs subjacentes aos exemplos destacados apontam as posturas enunciativas do L1/E1, as quais são:

1) Subenunciação, no Exemplo 2. Quando o L1/E1 modifica o PDV veiculado, ao criticá-lo e ao lançar na cena enunciativa seu próprio PDV acerca do meio ambiente. Essa posição divergente está marcada pelo uso de um operador discursivo, o “mas”, que introduz o enunciado: “mas a verdade é que meio ambiente é Tudo” (.) isso mesmo (.) meio ambiente é TUDO (.) tudo que nos cerca (.)”. O L1/E1 reitera, pois, seu PDV que se torna dominante. O L1/E1 refuta o que considera “um conceito errado que muita gente tem (.)” acerca do meio ambiente. O exemplo em discussão configura a junção de dois enunciadores em discordância e paradoxalmente também em concordância, respectivamente, quando o L1/E1 refuta e2 (muita gente) sobre o entendimento de que natureza e meio ambiente são sinônimos, mas concorda, ao dizer que “meio ambiente é tudo”, logo incorpora o PDV do e2 = muita gente. Isso configura a discordância concordante, nos termos de Rabatel (2021a, p. 67).

2) Coenunciação, nos Exemplos 3 e 4. Quando o L1/E1, no Exemplo 3, acompanha o PDV discursivo do e/2 (a política nacional de meio ambiente). Há um consenso, que nas palavras de Rabatel (2021a, p. 67) é uma “concordância concordante”. No Exemplo 4, quando o L1/E1 supõe que o e/2, os interlocutores, estão coenunciando com ele. Isso gera um equilíbrio na interação, que é distensa.

À guisa de sintetizarmos a complexa relação entre os PDVs de enunciadores que, às vezes, nos parecem seguir a mesma visada argumentativa, o que nem sempre ocorre, destacamos que a análise revela, às vezes, um L1/E1 que convoca um e2, mas discorda dele, como é o caso do Exemplo 2, em que o e2 se constitui do sintagma nominal “as pessoas”. Isso mostra que os enunciadores, sejam eles primeiro ou segundo, tanto podem concordar como discordar, como ilustrado na Figura 1, a seguir.

Figura 1: Pontos de vista e posturas enunciativas

Concordância concordante	Concordância discordante	Discordância Concordante	Discordância Discordante
Consenso ←—————→ Dissenso			

Coenunciação de um PDV	Sobre-enunciação de um PDV	Subenunciação de um PDV	Enunciação de dois PDV opostos
---------------------------	-------------------------------	----------------------------	--------------------------------------

Fonte: Rabatel (2021a, p.67).

Nesta seção, trabalhamos o PDV, tendo em vista sua relevância para a análise dos atos de discurso e da orientação argumentativa, objeto de reflexão da próxima seção.

Nível dos atos de discurso e orientação argumentativa

Entendemos, com Adam (2011, p. 107), que “um texto não deve ser observado como uma sequência de signos, mas como um conjunto de atos ou de comportamentos”; em primeiro lugar, um ato de enunciação, que dá origem ao texto propriamente dito. Consideramos, no entanto, que, com a enunciação, tal como a postula Benveniste (1974, p. 82), o locutor enuncia sua posição, conforme abordado na seção anterior, e, imediatamente, “instaura o outro diante de si”, estabelecendo uma interlocução, o que leva o linguista a afirmar que “toda enunciação é, explícita ou implícita, uma alocução, ela postula um alocutário”. Com base nos postulados dos dois linguistas mencionados, podemos dizer que o ato de enunciação se faz por atos de discurso que marcam essa interlocução, expondo as intenções do locutor perante seu interlocutor; é, portanto, argumentativamente orientado.

A orientação argumentativa e os atos de discurso materializam a presença do interlocutor no texto, pelo simples fato de estarem voltados para o outro, a quem se deseja convencer, justificar, informar. Lembramos, apoiadas em Adam (2022), que, no processo de textualização, os enunciados, ou proposições-enunciados, ligam-se aos demais enunciados, o que é revelado na análise do plano de texto, na seção acima, ligação essa predominantemente determinada, conforme Adam (2011), pela orientação argumentativa. Nesse processo, a articulação dos enunciados, que orienta argumentativamente o texto, assume papel fundamental, juntamente com os atos de

discurso, que Adam considera serem importantes elementos de ligação textual, tendo em vista que “a textura fina das ligações microtextuais lança pontes entre pontos da cadeia verbal” (ADAM, 2022, p. 69). Essa tessitura, conforme o autor, tem forte relação com o “tipo das unidades linguísticas concernidas” (ADAM, 2022, p. 69), entre as quais se incluem os atos de discurso.

O estudioso da Pragmática Jacob Mey, compreendendo a enunciação como um fenômeno que se insere em “uma atividade social institucionalizada de algum tipo” (MEY, 2014, p.134), defende que os atos de discurso devem ser situados para ganharem validade. Para ele, os atos de discurso só fazem sentido no conjunto da interação em que se inserem. Essa é também a postura de Kerbrat-Orecchioni (2005a, 2005b), pesquisadora dedicada às interações verbais, para quem é importante verificar tanto a relação de cada ato com os demais atos presentes na mesma intervenção quanto as relações que o ato de discurso mantém com os atos presentes nas demais intervenções da troca verbal. A autora considera, ainda, o ato de discurso como “unidade mínima da gramática conversacional” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2005a, p. 76).

O posicionamento teórico de Kerbrat-Orecchioni vai ao encontro dos postulados de Adam (2022), que situa os atos de discurso no nível microtextual. É importante destacar, no entanto, que cada ato de discurso se articula aos demais atos de discurso presentes no texto, atuando argumentativamente na construção dos sentidos e estendendo-se, por conseguinte, aos níveis mesotextual e macrotextual do plano de texto. Dessa forma, tendo em conta que os atos de discurso são do nível microtextual, podemos afirmar que eles atuam como indicadores da orientação argumentativa juntamente com os conectores e organizadores textuais, cujo papel para a orientação argumentativa tem sido bastante explorado.

Adam situa os atos de discurso relativamente ao objetivo enunciativo e relaciona-os aos quatro tipos de base: “narração, argumentação, descrição e explicação, [que] podem ser definidas como quatro atos de discurso não-primitivos [...], mas intermediários entre o objetivo ilocucionário primário [...] e o objetivo último. Eles vêm reforçar a asserção e a especificam” (ADAM, 2011, p. 207). Fica claro que, conforme os

postulados do autor, as sequências de base cumprem, elas próprias, uma função argumentativa, esta orientada pelos atos de discurso presentes.

Desse ponto de vista pragmático, podemos estabelecer, ainda, uma relação entre os atos de discurso em determinados eventos sociais e os regimes orais de textualidade postulados por Adam (2022), considerando a recorrência de determinados atos de discurso em certos tipos de textos orais. Conforme já mencionamos na seção anterior, Adam (2022) defende a necessidade de se distinguir, na oralidade, “os textos poligerados, construídos por vários locutores [...], e os textos monogerados, enunciados por um orador único”. O autor prevê ainda situações diversas para textos monogerados: 1) monólogos improvisados, que constituem ações mais longas, com a possibilidade de inclusão de narrativas, ou da exposição de um ponto de vista; 2) monólogos narrados, que constituem atuação oral resultante de aprendizagem, ou de transmissão oral; 3) textos oralizados, caso que “corresponde às produções mais formais e fortemente ritualizadas”, como uma aula, por exemplo. Nesse caso, a manifestação foi anteriormente preparada e pode ser lida ou pode contar com um *slide* ou uma folha impressa para apoiar uma fala mais livre. O autor observa que essas formas de oralização de um escrito podem “misturar, explicitamente, a oralidade e a escrita” (ADAM, 2022, p. 132), muitas vezes em função de um objetivo enunciativo argumentativo.

Análise dos atos de discurso e orientação argumentativa

Ambientado em um cenário fixo com fundo de folhas verdes, a jovem blogueira Fernanda Joenck, apresentando fisionomia saudável e natural, usando um vestido de estampa florida e ocupando o centro desse cenário num plano médio de tomada, o vídeo se inicia com uma pergunta, cujo valor ilocucionário não é o de cumprir a finalidade de obter uma informação (RODRIGUES, 1998), mas de estabelecer o contato com o interlocutor estudante da *web*, instigando-o a pensar no conceito de meio ambiente, e apresentar o canal, por meio de um ato explicativo relativo à função/finalidade do canal

(*para falar sobre meio ambiente*) e à pertinência pontual do vídeo (*então esse vídeo não poderia faltar aqui*). Ambos os atos de discurso iniciais, de função ilocucionária fática e explicativa, argumentam em favor da importância e da pertinência do canal para instigar o usuário a pensar no conceito de meio ambiente e buscam atrair a atenção do suposto estudante interessado no tema meio ambiente. Os atos de discurso introdutórios justificam igualmente a vinheta que se apresenta a seguir. O conjunto de abertura composto de uma breve participação da *youtuber* associada à vinheta tem uma função ilocutória reativa, que busca uma reação do estudante usuário da *web*, isto é, constitui uma chamada para que ele continue a assistir ao restante do vídeo, conforme destacado na seção anterior.

O vídeo propriamente dito inicia-se com uma asserção com valor de relato, da ordem da narrativa (*em treinamentos aulas palestras (.) quando surge a pergunta*) e a asserção de um comentário, que serve de exemplificação, recurso argumentativo para introduzir um alerta, por meio da asserção de caráter descritivo, conforme também exposto na seção anterior (*isso é um conceito errado que muita gente tem*). Destaca-se, no alto da tela, uma vinheta contendo um ato discursivo de sugestão que instiga o estudante usuário da *web* a buscar e a assistir a outro vídeo da série (*Sugerido: o que a Constituição Federal diz sobre proteger...*). O próprio verbo “sugerir” explicita o ato discursivo, cujo texto em posição à esquerda, no alto da imagem, chama a atenção do usuário e é, de fato, passível de aguçar sua curiosidade em busca de material para ampliação das informações contidas no breve vídeo.

Por meio de uma asserção de caráter veriditivo e categórico (*a verdade é que meio ambiente é TUDO (.) isso mesmo (.) meio ambiente é TUDO (.) tudo que nos cerca*) seguida de um ato explicativo realizado com enumeração de caráter descritivo, expõem-se elementos que se incluem na categoria “faz parte do meio ambiente”. Esse ato discursivo se materializa visualmente pelo plano aproximado da câmera, com uma tomada de plano próximo, à altura do peito, que focaliza a blogueira, marcando a importância do que é dito.

Em seguida, voltando ao plano anterior, ou seja, em um plano médio de tomada, com foco à altura da cintura, portanto um pouco mais afastada, a blogueira utiliza uma

asserção enumerativa de caráter descritivo para apresentar os elementos que se incluem na categoria “faz parte do meio ambiente”. Inclui-se, nessa enumeração, a própria blogueira e o usuário estudante (*eu (.) você (.) nós fazemos parte do meio ambiente*). Essa inclusão é visualmente reforçada por um novo plano aproximado, com uma tomada de plano médio, à altura da cintura, marcando novamente um dado sobre o qual se deseja chamar a atenção.

Os dados descritivos conduzem à definição de meio ambiente propriamente dita (*é o conjunto das relações entre todas as coisas vivas e não vivas*), apresentada novamente em um plano médio de tomada, à altura da cintura da blogueira, portanto mais afastado. Trata-se de uma definição simplificada, que antecede a definição oficial, mais complexa, dada pela legislação brasileira (Lei 63.938, de 1981, art. 3º), exposta isoladamente, por texto escrito em uma tela.

Retornando o mesmo cenário anterior, no mesmo plano médio, à altura da cintura, a blogueira traz uma pergunta retórica, com valor de asserção, comenta a complexidade da definição, avaliada por ela como “ampla”. O ato valorativo se desdobra em uma asserção de valor explicativo, cuja finalidade parece ser o de justificar o comentário, mostrando a amplitude do conceito. Esse objetivo se mostra pela asserção (*tudo que você pensar:: que existe na terra influencia ou interage de alguma maneira com as formas de vida*). A asserção iniciada pelo pronome indefinido *tudo* dá a dimensão da abrangência do conceito: nele cabe tudo o que se pode imaginar. Tudo inclui uma infinidade de elementos (*elementos vivos ou não vivos (.) naturais ou não*) que tornam o conceito mais complexo, e, para aprender a lidar de forma adequada com ele, o estudante certamente necessitará contar com este e muitos outros vídeos da *youtuber*. É possível que esse seja o objetivo interacional da asserção. Pode-se, assim, afirmar que a *youtuber* se vale do próprio conceito de meio ambiente, para, a partir de sua complexidade, argumentar em favor da importância e pertinência de seus vídeos, incitando o estudante a assisti-los. Pode-se igualmente afirmar que há uma inter-relação entre os atos de discurso e a orientação argumentativa, revelando intenções da *youtuber*: convencer o internauta estudante de que, acompanhando a sequência da apresentação, ele vai compreender corretamente o que é meio ambiente.

Na continuidade do vídeo, com plano aproximado em uma tomada de plano próximo, que focaliza a *youtuber* à altura do busto, ela assume a voz dos seus seguidores, possíveis estudantes, e formula uma pergunta (*mas F ((menciona o próprio nome)) como assim não naturais?*), tomando o lugar do interlocutor. Da perspectiva do estudante que possa assistir ao vídeo, essa pode ser uma pergunta verdadeira. Com essa pergunta, a *youtuber* antecipa uma suposta lacuna de conhecimento de seus seguidores estudantes. Cumpre observar que, além do plano aproximado, a cena se apresenta em branco e preto, como se concretizasse um ato de dúvida, um desconhecimento que torna as coisas sem cor.

Assim, a pergunta assume a uma dupla função ilocucionária, a de apresentar uma lacuna verdadeira de conhecimento e a de expor dúvidas frequentes, o que conduz ao ato de discurso de caráter explicativo por meio de asserções de caráter predicativo (*isso é uma forma da gente classificar; no termo técnico a gente chama isso de antropizado*) cuja função é expor motivos pelos quais é importante cuidar do meio ambiente, conclusão explicitamente exposta por meio de uma asserção que se encerra com uma pergunta de função fática, de valor confirmativo (*então é extremamente importante a gente cuidar dele certo?*). Para o ato explicativo, o cenário volta a ganhar cor e o plano se afasta, em uma tomada de plano médio, à altura da cintura. Cumpre destacar duas vinhetas contendo atos discursivos de sugestão, instigando o estudante usuário da *web* a buscar e a assistir a outros vídeos da série (*Sugerido: Qual é a diferença entre conservação e preservação; Sugerido: o que fazem os profissionais que atuam com meio ambiente*).

Articula-se a esses dois atos de discurso uma asserção diretiva, ou seja, de valor ilocucionário de sugestão (*você pode falar para todo mundo que você conhece*). A sugestão é para divulgar o conhecimento adquirido por meio do vídeo e liga-se ao ato comissivo que vem em seguida, um apelo expresso por meio de um convite formulado com quatro verbos utilizados no universo das redes sociais – curtir, compartilhar, marcar, seguir – no presente do indicativo com valor de imperativo (*curte compartilha marca a pessoa que você quer que veja esse vídeo aqui nos comentários (.) e segue aqui o canal*). Tais verbos buscam incitar o estudante usuário da *web* a atuar, cumprindo ações

normalmente esperadas de usuários fiéis. Cumpre destacar o último verbo, cuja função está voltada para manter a fidelidade do estudante usuário da *web*, apresentando uma finalidade (*para você não perder os próximos conteúdos*). O vídeo se encerra com uma asserção de valor comissivo, expressa por meio do verbo na primeira pessoa do plural, de caráter inclusivo – (*e vamos juntos caminhando para fazer a diferença no planeta*). O uso da primeira pessoa do plural no convite sugere que, ao seguir a *youtuber* e ao assistir aos vídeos, o estudante estará contribuindo para a preservação do meio ambiente.

As considerações expostas permitem observar como os atos de discurso articulam informações, argumentos e justificativas, constituindo importantes elementos de ligação textual, conforme postula Adam (2022). Nesse processo de articulação e para a sua construção, eles se relacionam com outros atos de discurso, cumprindo, ora finalidades pontuais no desenvolvimento do vídeo, ora finalidades mais globais, voltadas tanto para os objetivos do interlocutor, que deseja obter uma informação, quanto para os objetivos da *youtuber*, cuja finalidade global é ganhar a fidelidade do estudante usuário da *web* para quem ela produziu a informação transmitida. Os atos de discurso assumem, assim, sentido no evento em que ocorrem, cumprindo sua função de articulação textual e orientação argumentativa.

Considerações finais

Ao concluir este artigo, consideramos ter atingido o objetivo para ele definido, uma vez que, com a discussão teórica, as análises por ela subsidiadas e as reflexões sobre seus resultados, pudemos abordar, nas três seções centrais: a organização do plano do texto, a construção do ponto de vista e os aspectos interacionais e argumentativos.

No que diz respeito ao plano de texto, constatamos, em seu macronível, que as três partes do texto – abertura, desenvolvimento e encerramento – constituem um todo unificado, criativo, singular em sua construção e, em seu mesonível, que o imbricamento das sequências textuais dialogais simuladas, uma vez que se trata de um monólogo,

descritivas e explicativas, que respondem ao gênero didático, favorecem a interação dos interlocutores, no caso, os estudantes usuários da *web*. Essa organização contempla, também, os planos de tomada de vídeo, igualmente em conformidade com os objetivos para os quais ele foi desenvolvido.

No que se refere ao ponto de vista (PDV), podemos verificar que ele revela que o L1/E1 assume posturas enunciativas de subenunciação, quando discorda do e2 = “muita gente”, ao dizer: “[...] e isso é um conceito errado que muita gente tem [...]”, mas também concorda, ao enunciar que “meio ambiente é Tudo”. Esse universo do “Tudo” inclui o PDV defendido pelo e2 = “muita gente”, “mas a verdade é que meio ambiente é Tudo” (.) isso mesmo (.) meio ambiente é TUdo (.) tudo que nos cerca”. Esse PDV do L1/E1 mostra uma postura de “discordância concordante” (RABATEL, 2021a). O L1/E1 assume a postura de coenunciador, ao convocar para seu enunciado o e2 = política nacional de meio ambiente, assim como, ao supor que o e2 = interlocutores estão coenunciando com ele, respectivamente, explicitados nos exemplos 3 e 4, o que configura uma “concordância concordante” (RABATEL, 2021a).

No que diz respeito aos atos de discurso, observamos que eles se apoiam nas diversas sequências textuais e orientam argumentativamente o percurso textual. Simultaneamente, os planos de tomadas de vídeo variam conforme os objetivos enunciativos dos atos de discurso, integrando-se a eles, reforçando-os em sinergia. Assim, por exemplo, as tomadas em plano próximo marcam momentos em que a blogueira quer chamar a atenção sobre determinado ponto de sua apresentação, como, por exemplo, ao afirmar que “meio ambiente é Tudo”; sobre si, enunciando em primeira pessoa; ou sobre o interlocutor usuário estudantes da *web*, invocando-o por meio do pronome de tratamento você, (“eu (.) você (.) nós fazemos parte do meio ambiente”). De forma semelhante, a ausência de cor em determinado momento do vídeo, conforme expusemos na análise, assume sentido e orienta argumentativamente. Podemos, assim, afirmar que as diferentes linguagens que compõem o vídeo atuam de forma simultânea e integrada (CABRAL, 2013) para a construção de sentidos.

Reiterando os muitos desafios que os gêneros digitais apresentam àqueles que estudam o texto, acreditamos que, ao explorarmos, no vídeo, as relações entre planos de

texto, sequências textuais, questões enunciativas relacionadas ao PDV, os atos de discursos na interação e a orientação argumentativa, tenhamos trazido uma contribuição para o entendimento de que os diferentes entrelaçamentos entre linguagens de diversas ordens, verbal e não verbal, com as quais o leitor interage e às quais deve estar sensível, constituem um alicerce que sustenta também a prática de leitura e escrita.

Referências

ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual**: introdução à Análise Textual dos Discursos. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues, Luis Passeggi, João Gomes da Silva Neto, Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin. Revisão técnica: João Gomes da Silva Neto. São Paulo: Cortez, 2011.

ADAM, Jean-Michel. **Textos**: tipos e protótipos. Coordenação de tradução: Mônica Magalhães Cavalcante. São Paulo, Contexto, 2019a.

ADAM, Jean-Michel. La notion de texte. 2019b. In: **Encyclopédie Grammaticale du Français**. Disponível em: <http://encyclogram.fr>. Acesso em: 15 out. 2019. (Tradução para o português do Brasil se encontra no prelo).

ADAM, Jean-Michel. Postface. Le texte est-il soluble dans le textiel? **Corela - Cognition, représentation, langage**, Poitiers, HS-33, v.18, n. 2, p. 1-18, 2020a.

ADAM, Jean-Michel. Entretien. **Mots**, Lyon, v. 3, n. 124, p. 147-163, 2020b.

ADAM, Jean-Michel. Micronível, mesonível e macronível da estrutura textual. Tradução de Ana Lúcia Tinoco Cabral; Maria das Graças Soares Rodrigues. Revisão técnica: João Gomes da Silva Neto; Luis Passeggi. **Letra Magna**, Cubatão, v. 17, n. 27, p. 1-38, 2021.

ADAM, Jean-Michel. **A noção de texto**. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues; João Gomes da Silva Neto; Luis Passeggi. Revisão técnica da tradução: João Gomes da Silva Neto. Natal: UFRN, 2022.

BENVENISTE, Émile. **Problèmes de linguistique générale 2**. Paris: Gallimard, 1974.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. O conceito de plano de texto: contribuições para o processo de planejamento da produção escrita. **Revista Linha d'Água**, São Paulo, v. 2, n. 26, p. 241-259, 2013.

CHARAUDEAU, Patrick. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation**: tome IV. Tours et détours. Limoges: Lambert-Lucas, 2018.

DUCROT, Oswald. Quelques raisons de distinguer «locuteur» et «énonciateurs». **Polyphonie linguistique et littéraire**, [s. l.], n. 3, p. 19-41, 2001.

FRANÇOIS, Frédéric. Introduction: quelques points de vue sur les points de vue. In: CARCASSONNE, Marie et al. (org.) **Points de vue sur les points de vue**. Limoges: Lambert-Lucas, 2015. p. 7-75.

JOENCK, Fernanda. AFINAL, o que é meio ambiente? s.d. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tPGtO8Efwk>. Acesso em: 26 jan. 2022.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Os atos de linguagem no discurso**: teoria e funcionamento. Tradução de Fernando Afonso de Almeida; Irene Ernest Dias. Niterói: EDUFF, 2005a.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Le discours en interaction**. Paris: Armand Colin, 2005b.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O diálogo no contexto da aula expositiva: continuidade, ruptura e integração. In: PRETI, Dino (Org.) **Diálogos na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas, 2005. p. 45-83.

MARQUESI, Sueli Cristina. Contribuições da Análise Textual dos Discursos para o ensino em ambientes virtuais. **Revista Linha d'Água**, São Paulo, n. 26, p. 185-201, 2013.

MARQUESI, Sueli Cristina. Linguística Textual e Análise Textual dos Discursos: sequências descritivas em progressão textual em foco. In: CAPISTRANO JÚNIOR, Rivaldo; LINS, Maria da Penha Pereira; ELIAS, Vanda Maria (org.). **Linguística Textual**: diálogos interdisciplinares. São Paulo: Labrador, 2017. p. 279-298.

MARQUESI, Sueli Cristina. Procedimentos analíticos da ATD e produção escrita: estrutura composicional e sequências textuais descritivas em relatórios técnicos. In: GOMES, Alexandro Teixeira; PASSEGGI, Luis; RODRIGUES, Maria das Graças Soares (orgs.). **Análise textual dos discursos**: perspectivas teóricas e metodológicas. Coimbra: Grácio, 2018. p. 111-123.

MARQUESI, Sueli Cristina. Planos de texto, interação e sequências textuais dialogais: interfaces no ensino remoto. **Rev. de Letras**, Fortaleza, v. 1, n. 41, p. 95-107, 2022.

MARQUESI, Sueli Cristina; CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. Sequências explicativas e argumentativas: interação e motivação em atividades de EAD. In: BASTOS, Neusa Barbosa (org.). **Língua Portuguesa e lusofonia**. São Paulo: EDUC, 2014. p. 227-239.

MARQUESI, Sueli Cristina; CABRAL, Ana Lúcia Tinoco; ELIAS, Vanda Maria; TOMAZI, Micheline Mattedi; RODRIGUES, Maria das Graças Soares. Plano de texto e contexto: conceitos em interface para o tratamento da escrita e da leitura em mídia digital. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 13, n. 25, p. 40-59, 2019.

MARQUESI, Sueli Cristina; CABRAL, Ana Lúcia Tinoco; RODRIGUES, Maria das Graças Soares; ELIAS, Vanda Maria da Silva; GEBARA, Ana Elvira Luciano; ALBERT, Sílvia Augusta de Barros. O gênero digital artigo de divulgação da ciência para crianças: plano de texto, interação e interfaces para o tratamento da escrita e da leitura. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 15, n. 31, p. 105-125, 2021.

MARQUESI, Sueli Cristina; ELIAS, Vanda Maria; CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. Planos de texto, sequências textuais e orientação argumentativa. In: MARQUESI, Sueli Cristina; PAULIUKONIS, Aparecida Lino; ELIAS, Vanda Maria (orgs.). **Linguística Textual e ensino**. São Paulo: Contexto, 2017.

MARQUESI, Sueli Cristina; PASSARELLI, Lílian Maria Ghiuro. Plano de texto e intertextualidade: construção de sentidos no discurso de Graça Aranha na Abertura da Semana de Arte Moderna. **Revista Verbum**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 78-106, 2022.

MEY, Jacob. Sequencialidade, contexto e forma linguística. In: SILVA, Daniel Nascimento; FERREIRA, Dina Maria Martins; ALENCAR, Claudiana Nogueira de (orgs.). **Nova pragmática: modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014. p.129-144.

MITTMANN, Maryualê Malvessi. Análise da estruturação de diálogos e monólogos na fala informal: quantificando as diferenças. **Domínios de lingu@gem**, Uberlândia, v. 7, n. 2, p. 1-35, jul./dez. 2013.

MUNIZ-LIMA, Isabel; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. Texto: gêneros, interação e argumentação - III Workshop de Linguística Textual. **Revista Investigações**, Recife, v. 33, número especial, p. 141-164, 2020.

RABATEL, Alain. La part de l'énonciateur dans la construction interactionnelle des points de vue. **Marges linguistiques**, Saint-Chamas, n. 9, p. 115-135, 2005.

RABATEL, Alain. **Homo narrans**. Pour une analyse énonciative et interactionnelle du récit. Limoges: Lambert-Lucas, 2008a. t. 1.

RABATEL, Alain. **Homo narrans**. Les points de vue et la logique de la narration. Dialogisme et polyphonie dans le récit. Limoges : Lambert-Lucas, 2008b. t. 2.

RABATEL, Alain. Prise en charge et imputation, ou la prise en charge à responsabilité limitée. **Langue française**, Paris, n. 162, p. 71-87, 2009.

RABATEL, Alain. Positions, positionnements et postures de l'énonciateur. **TRANEL**, Neuchâtel, n. 56, p. 23-42, 2012.

RABATEL, Alain. Postures énonciatives, variable générique et stratégies de positionnement. In: ANGERMULLER, Johannes; PHILIPPE, Gilles (orgs.) **Analyse du discours et dispositifs d'énonciation**: autour des travaux de Dominique Maingueneau. Limoges: Lambert-Lucas, 2015. p. 125-135.

RABATEL, Alain. **Homo narrans**: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa. Pontos de vista e lógica da narração, teoria e análise. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues, Luis Passeggi, João Gomes da Silva Neto. Revisão técnica: João Gomes da Silva Neto. São Paulo: Cortez, 2016a. v.1.

RABATEL, Alain. Diversité des points de vue et mobilité empathique. In: COLAS-BLISE, Marion; PERRIN, Laurent; TORE, Gian Maria (eds.) **L'énonciation aujourd'hui**: un concept-clé des sciences du langage. Limoges: Lambert-Lucas, 2016b. p. 135-150.

RABATEL, Alain. **Pour une lecture linguistique et critique des medias**: empathie, éthique, point(s) de vue. Limoges: Lambert-Lucas, 2017.

RABATEL, Alain. **La confrontation des points de vue dans la dynamique figurale des discours**: énonciation et interpretation. Limoges: Lambert-Lucas, 2021a.

RABATEL, Alain. **Homo narrans**: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa. Pontos de vista e lógica da narração, metodologia e interpretação. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues, Luis Passeggi, João Gomes da Silva Neto. Revisão técnica: João Gomes da Silva Neto. Natal: EDUFRN, 2021b. v.2. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/44913>. Acesso em: 16 nov. 2021.

RABATEL, Alain; MONTE, Michèle; RODRIGUES, Maria das Graças Soares (dirs.). **Comment les médias parlent des émotions**: l'affaire Nafissatou Diallo contre Dominique Strauss-Kahn. Limoges: Lambert-Lucas, 2015.

RODRIGUES, Maria da Conceição Carapinha. A sequência discursiva pergunta e resposta. In: FONSECA, Joaquim (org.). **A organização e o funcionamento dos discursos**: estudos sobre o português. Porto: Porto Editora, 1998. p. 11- 220. t. II.

RODRIGUES, Maria das Graças Soares. Ponto de vista emocionado no gênero discursivo comentário on-line – violência verbal. **Linha d'Água**, São Paulo, v. 34, n. 1, p.13-28, jan./abr. 2021.

RODRIGUES, Maria das Graças Soares. Decisão monocrática do Supremo Tribunal Federal do Brasil - combate ao desmatamento da floresta amazônica - dispositivos textuais, enunciativos e discursivos. **Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso**, Brasília, v. 22, 2022 (no prelo).

RODRIGUES, Maria das Graças Soares; MARQUESI, Sueli. “Chegou-se a uma posição de certeza de que não há perigo ambiental? A existência de certeza necessita ser demonstrada” – Plano de texto de uma decisão monocrática. **Revista Fides**, Natal, v. 12, n. 1, p. 19-40, ago./dez. 2021.

Recebido em 21/06/2022.

Aprovado em 03/12/2022.

Anexo

Transcrição do vídeo

[Parte I – Abertura]

Afinal, o que é meio ambiente?

alguma vez alguém já te perguntou o que é meio ambiente? -- bom esse canal foi criado para falar sobre meio ambiente (.) então esse vídeo não poderia faltar aqui -(.)

((Após dada consideração, é apresentado a “vinheta” do canal))

[Parte II – Desenvolvimento] geralmente em treinamentos aulas palestras (.) quando surge a pergunta o que é meio ambiente? começam surgir respostas como “ah:: as árvores os animais:: a água” (.) isso é normal exatamente porque é comum as pessoas fazerem essa associação de natureza como sinônimo de meio ambiente (.) e isso é um conceito errado que muita gente tem (.) mas a verdade é que meio ambiente é TUdo (.) isso mesmo (.) meio ambiente é TUdo (.) tudo que nos cerca (.) afinal é o ambiente em que algo ou alguém está

inserido (.) então as árvores os animais a água (.) essas coisas todas fazem parte do meio ambiente (.) assim como os prédios as avenidas das cidades essas coisas também fazem parte do meio ambiente (.) eu (.) você (.) nós fazemos parte do meio ambiente (.) então na verdade meio ambiente é o conjunto das relações entre todas as coisas vivas e não vivas (.) a política nacional de meio ambiente que é a legislação ambiental de referência no Brasil - a gente ainda vai falar muito dela aqui no canal -- ela define meio ambiente como “o conjunto de condições:: leis:: influências:: e interações:: de ordem física química e biológica que permite abriga e rege a vida em todas as suas formas” (.) percebem o quanto é ampla essa definição? (.) tudo que você pensar:: que existe na terra influencia ou interage de alguma maneira com as formas de vida (.) porque é isso (.) é como uma teia de relações onde tudo está conectado (.) sendo eles elementos vivos ou não vivos (.) naturais ou não (.) mas Fernanda ((menciona o próprio nome)) como assim não naturais? (.) então existe um meio ambiente natural e um meio ambiente artificial? (.) sim (.) na verdade tudo é meio ambiente (.) mas isso é uma forma da gente classificar o que é natural e o que foi construído pelo homem (.) no termo técnico a gente chama isso de antropizado (.) ou seja modificado pelo homem (.) mas então a gente entra em uma grande questão (.) se independente de onde a gente tá (.) se é no meio da floresta (.) nos campos:: no sítio na praia ou na cidade (.) a gente sempre vai estar fazendo parte do meio ambiente (.) então é extremamente importante a gente cuidar dele certo? (.) por isso meio ambiente não é só para alguns (.) não é só para os ambientalistas:: e sim para todo mundo (.)

[Parte III – Encerramento] e agora você sabendo disso (.) você pode falar para todo mundo que você conhece (.) o quanto é importante todo mundo saber como se relacionar da melhor maneira possível com o meio ambiente (.) afinal meio ambiente é tudo (.) inclusive nós mesmos fazemos parte dele (.) -- se você gostou desse vídeo e achou ele relevante para alguém (.) curte compartilha marca a pessoa que você quer que veja esse vídeo aqui nos comentários (.) e segue aqui o canal para você não perder os próximos conteúdos -- e vamos juntos caminhando para fazer a diferença no planeta.